



AUTORRETRATO: REFLEXÕES E REFLEXOS DE SI NA DISCIPLINA DE ARTE E EDUCAÇÃO NA UFC

Luciane Germano Goldberg¹ - UFC
Larissa Rogério Bezerra² - UFC
Leandro da Silva Pereira Junior³ - UFC

Resumo

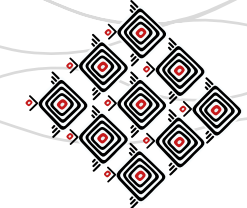
Este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre atividade artística e estética de criação de autorretratos realizada com 280 estudantes da disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará nos anos de 2014, 2017 e 2018. A oficina de autorretratos tem como fonte de inspiração a obra do artista brasileiro Vik Muniz, a partir do documentário “Lixo Extraordinário” e desenvolve-se com base na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Os (as) estudantes participantes, em sua grande maioria, chega à disciplina de Arte e Educação descrentes de suas capacidades criadoras e criativas, resquícios de suas trajetórias de vida em que as experiências artísticas foram irrisórias, inexistentes e/ou traumáticas e se surpreendem com os resultados, sendo conduzidos, passo a passo à si mesmos, (re) conhecendo e (re)descobrimo seu potencial criador, podendo também promover novas experiências no campo da arte enquanto futuros educadores.

Palavras-chave: Autorretrato. Vik Muniz. Arte e Educação.

1 Arte-Educadora, Doutora em Educação Brasileira (UFC), Mestra em Educação Ambiental e Licenciada em Artes Plásticas (FURG). Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará e colaboradora da Pós Graduação em Educação Brasileira e do ProfArtes (UFC). Líder do diretório de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). E-mail: lucianegoldberg@ufc.com.br.

2 Doutoranda em Educação Brasileira (UFC), Mestre em Educação Brasileira (UFC), Graduada em Comunicação Social (Estácio/FIC), Graduanda na Licenciatura em Artes Visuais (IFCE). Membro do grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). E-mail: larinhartz@gmail.com

3 Graduado em Pedagogia (UFC). Co-fundador e bolsista do Projeto Praler-UFC (2015-2016), (PROGRAD- UFC). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PID) de “Política Educacional” (2016) e “Arte e Educação” (2017). Membro do grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). E-mail: junior_ospj@hotmail.com.



Introdução

A disciplina de Arte e Educação, componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), vem sendo ministrada pela Prof. Dra. Luciane Germano Goldberg desde 2011, a qual tem buscado desenvolver metodologias ativas e participativas (DEWEY, 1975; FREIRE, 2015) em que os (as) estudantes sejam protagonistas de si e de seus processos formativos e de aprendizagem. Partindo do pressuposto de que não é possível ensinar aquilo que não se sabe, ou que nunca se teve contato, a disciplina propõe um mergulho autobiográfico aos (às) estudantes em busca de suas experiências formativas em arte em suas vidas, a fim de acessar conteúdos, práticas, metodologias, abordagens, princípios e conceitos vivenciados pelos (as) estudantes em sua trajetória escolar e não escolar.

Tendo em vista a histórica precariedade do ensino de arte no sistema escolar desde os anos 70 e suas consequências na atualidade, como a mínima carga horária destinada à arte nos currículos; a atuação de docentes de outras áreas sem nenhuma formação artística; o uso de metodologias tecnicistas ou sem nenhum tipo de embasamento teórico-metodológico que se baseiam na cópia e na reprodução com prioridade para datas comemorativas; a identificação da área na escola como supérflua ou como atividade recreativa, grande parte dos (das) estudantes que passa pela disciplina de Arte e Educação na FACED, não vivenciou experiências formativas em arte significativas. O que trazem em suas narrativas sobre arte na escola é um arsenal de atividades repetitivas e repetidas, sem nenhum sentido ou objetivo, o que leva, na maioria das vezes, à uma sensação de incapacidade e de descrença em seus potenciais criadores e criativos. Afirmações como “eu não sei”, “eu não sou capaz”, “eu nunca fiz nada artístico”, “eu não sou criativo” se repetem semestre após semestre (GOLDBERG, 2014).

É então, a partir dos conhecimentos prévios dos (das) estudantes, de suas crenças e descrenças, de suas experiências com/em arte, educativas ou “deseducativas” (DEWEY, 1975) que



se pode (des)construir olhares e percepções sobre o ensino de arte, acreditando que é preciso que o (a) próprio (a) estudante, futuro (a) educador (a), encontre em si suas potencialidades e capacidades criativas e criadoras, acreditando que é capaz de fazer arte e de se sentir satisfeito (a) com seus resultados. O (a) educador (a) que não acredita em si próprio é capaz de acreditar nos outros? A escola nos revela, diariamente, que não acredita na capacidade criadora de suas crianças e jovens quando as respostas já estão prontas e não há espaço para invenção e criação, muito menos para o desenvolvimento dessa singularidade criativa e criadora.

Este artigo propõe então, compartilhar reflexões e sentidos sobre a oficina de autorretrato realizada com 280 estudantes de Pedagogia e áreas diversas na disciplina de Arte e Educação nos anos de 2014, 2017 e 2018, refletindo sobre o autorretrato enquanto importante exercício de (re)descoberta e reflexão sobre si; apresentando metodologicamente como a oficina de autorretrato se desenvolve na disciplina de Arte e Educação na UFC e revelando, nas falas de alguns (algumas) estudantes, os sentidos e reflexos construídos a partir da experiência vivida.

Autoretrato, um olhar de/sobre si

Sem espaço para refletir sobre si e sobre o conjunto complexo que compõe um ser humano, o indivíduo da sociedade moderna está perdendo cada vez mais a consciência da sua identidade e das dimensões que a formam. Hall (2005) discorre a respeito das mudanças que as questões identitárias vêm sofrendo ao longo do tempo, com o surgimento da Cultura pós-moderna, afirmando que, o homem (e a mulher) encontra-se fragmentado diante das falsas necessidades criadas pela sociedade. Segundo o autor, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2000, p. 12)



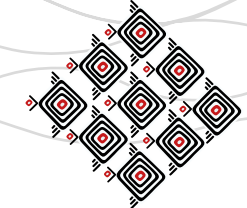
Bauman (2001) chama esse fluxo constante de mudanças, de “modernidade líquida”. Ele defende que a sociedade atual está formando pessoas e relacionamentos cada vez mais frágeis e vulneráveis, à medida que acelera os acontecimentos da vida, transformando processos importantes de formação dos indivíduos em momentos instantâneos e temporários.

A respeito dessa questão, Larrosa (2016, p. 22) defende que:

[...] a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera.

Atualmente, percebe-se que, no ensino formal, por exemplo, o estudante está, cada vez mais, perdendo o espaço destinado para experimentações em detrimento de disciplinas que trabalham apenas conteúdos tecnicistas. Na maioria das vezes, a individualidade e a identidade dos educandos não são dimensões trabalhadas dentro de sala de aula. Isso ocorre tanto pela falta de estrutura das escolas e instituições formais de ensino, quanto pela desvalorização dessas dimensões (emotivas, corporais, espirituais, etc.) dentro do sistema de ensino como um todo. Diante disso, faz-se necessário encorajar iniciativas que possibilitem momentos de reflexão e construção da identidade, dentro e fora das instituições de ensino. No contexto apresentado neste artigo, o autorretrato é uma dessas iniciativas.

A palavra “Retrato” vem do Latim, *retratctus*, derivado do verbo *retrahere* que significa “tirar para fora”, “copiar”. O retrato surgiu, provavelmente, pela necessidade de representar algo ou alguém através de uma imagem. No início, o processo era feito através da pintura e da escultura, com o advento da fotografia a imagem se tornou mais do que uma representação do real, passando a ser, muitas vezes, confundida com a realidade em si (BARTHES, 1984).



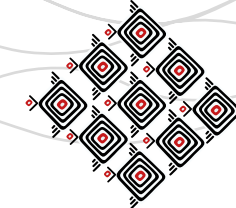
O autorretrato seria, então, um subgênero do retrato, onde o artista-autor tenta representar a ele próprio através de uma imagem. A respeito do surgimento da necessidade de se autorretratar, Canton (2001, p. 5) afirma que:

[...] os artistas começaram a pintar seus próprios rostos. Isso porque eles também queriam: deixar sua imagem gravada para o futuro; sentir que eram importantes como pessoas humanas e como profissionais; expressar em suas pinturas o que sentiam internamente, suas emoções e seus pensamentos; usar suas próprias imagens como pretextos para elaborar obras de arte, cuidando das cores, das pinceladas, dos contornos, das texturas.

No momento em que a fotografia surge, a relação que o sujeito estabelece com a produção da sua própria imagem muda. Na era dos *selfies* e *stories*, o autorretrato ganha outras dimensões de atuação na formação do indivíduo. De acordo com Rauen e Momoli (2015, p. 58):

[...] a fotografia possui capacidade de reproduzir com suposta exatidão o que é visto pelo olho. Dessa forma, abre novos caminhos à pintura, cujo resultado consiste nas vanguardas modernas, representadas por artistas de variadas nacionalidades, os quais, em sua grande maioria, produziram, além de outros tipos de trabalhos, autorretratos. Tais artistas desenvolveram deformações e ênfases formais que afastavam o autorretrato da realidade física, mas serviam para demonstrar a expressividade e a singularidade do artista, valorizados na arte moderna.

Essa mudança de paradigma, criada a partir da possibilidade de retratar fielmente a realidade, trazida pela fotografia, abriu novas possibilidades de se trabalhar o autorretrato como processo de autoconhecimento. O autorretrato deixou de ser uma busca pela representação realista e passou a ser uma construção simbólica de uma identidade constituída, não só por um rosto, mas por um conjunto multidimensional que forma o ser.



Mas como o processo de se autorretratar pode contribuir para construção da identidade do (a) artista-autor (a)? Fazer um retrato de si envolve muito mais do que produzir uma fotografia ou um desenho, é pensar sobre “o que sou”, “como me tornei quem sou hoje”, e “que tipo de pessoa quero ser no futuro”.

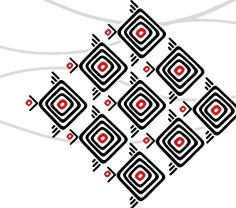
O ato de se autorretratar seria então um exercício de tentar olhar para si, não apenas para a fisionomia, mas para a história de vida, refletir sobre tudo que forma a pessoa que se é hoje e definir uma imagem que represente a identidade naquele instante. Não se trata apenas de criar uma representação realista do rosto de alguém, o autorretrato parte da necessidade do indivíduo de se compreender, de se conhecer e de entender quem ele quer se tornar.

Criar uma “imagem de si” é também identificar o seu lugar no mundo, ou como afirma Pessoa (2006, p. 1) “o autorretrato é de certa forma uma afirmação de presença, ou melhor, um registro dela. É a memória de estar visível entre coisas visíveis. É a prova de estar incluído no mundo, e não isolado dele.” É assim que o processo artístico possibilita uma “capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado”. (DUARTE JÚNIOR, 2001, p. 13)

A oficina de autoretrato na disciplina de arte e educação - UFC

A disciplina de Arte e Educação busca, por meio de diversas atividades teórico/práticas, promover a autodescoberta e o autoconhecimento aliados à possibilidade de se viver verdadeiras experiências formativas em arte que possam também servir de inspiração ou mesmo serem multiplicadas com públicos diversos. Conectar-se consigo mesmo, (re)ver-se, representar-se, são processos presentes que derivam das atividades realizadas.

Assim, tendo em vista o caráter autobiográfico e dialógico proposto pelas metodologias desenvolvidas na disciplina, propomos a oficina de autorretrato, inspirada na obra do artista contemporâneo brasileiro Vik Muniz e na Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, que pressupõe a aprendizagem significativa, por meio de uma triangulação que considera

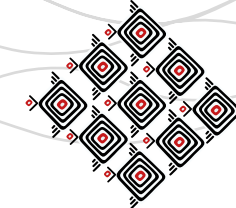


e conecta “o fazer, a leitura de obras de arte ou do campo do sensível e a contextualização, que seja histórica, cultural, social, etc.” (BARBOSA, 2010, p. XXXII).

Para a realização da oficina, o primeiro passo foi o contato com a obra do artista visual brasileiro Vik Muniz, a partir de trabalhos como *Sugar Children* (Crianças do Açúcar, 1996), em que o artista fotografa crianças filhas de operários que trabalham em canaviais no Caribe e realiza retratos delas com açúcar, sob forma de denunciar o trabalho árduo de suas famílias e questionar sobre o futuro dessas crianças e através do documentário “Lixo Extraordinário”⁴ (2010, direção de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley) o qual se desenvolve no maior aterro sanitário do mundo, Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, com catadores de lixo reciclável. No documentário é possível acessar o resultado de 2 anos de trabalho do artista junto aos catadores de lixo reciclável para a realização dos seus retratos e, também acompanhar como o artista compõe as obras. Matéria e material são chaves para a conexão entre a obra e o sujeito retratado, o que caracteriza o trabalho do artista, o qual é conhecido pela diversidade, variedade e criatividade no uso e escolha dos materiais que compõem suas obras.

Em sala, após a exibição do documentário há o espaço para o debate, o qual é sempre muito amplo e complexo, pois o filme dá margem para discussões muito ricas e intensas, críticas e reflexões. Através desse documentário discutimos, entre outras coisas, sobre o trabalho do artista na sociedade e sobre a arte contemporânea, contextualizando e refletindo sobre aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, históricos, ambientais e artísticos, ampliando o repertório dos (das) estudantes e seu entendimento sobre arte e suas variadas derivações, efeitos e consequências. Arte e política se conectam, assim como há um resgate da dignidade daqueles que são retratados e destacados do lixo. Percebe-se, a partir daí, que o efeito de se retratar e ser retratado gera um sentimento de conexão consigo mesmo e de valorização de si. Extraordinário e surpreendente!

4 O documentário pode ser acessado na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=BBAQ9qzXHUA>



Após leitura, contextualização, debate e estudo da obra do artista Vik Muniz, os (as) estudantes são convidados (as) a fazerem seus autorretratos, sendo instigados (as) a pesquisar materiais que se conectem consigo, que lhes identifiquem e falem se si para a realização de seus retratos, o que leva a uma grande variedade de materiais e possibilidades estéticas criadas a partir dessa diversidade.

Com base na metodologia do artista seguimos o passo a passo: 1) envio de uma foto de retrato por e-mail; 2) desenho da foto projetada (figura 1); 3) montagem dos retratos em cima do desenho com os materiais selecionados (figuras 2 e 3); 4) fotografia do retrato (figura 4); 5) desmonte do retrato original e 6) exposição dos autorretratos (figura 5).

Esta oficina tem gerado resultados surpreendentes para os (as) estudantes e para a comunidade universitária em geral, o que tem levado muitas pessoas a quererem viver essa experiência e multiplicá-la nos mais variados campos e com diferentes grupos sociais. Destacamos a importância do processo vivenciado pelos (as) estudantes, que passa da total descrença às suas capacidades criativas e criadoras à entrega ao trabalho lúdico derivado de um clima de total cumplicidade e autoconfiança, gerado durante a realização do trabalho artístico. Não há modelos a seguir e os (as) estudantes sabem que seus processos e produtos serão valorizados em sua singularidade, o que os (as) deixa à vontade para mergulharem em seus universos particulares e viverem a experiência de maneira intensa e verdadeira, como podemos verificar a seguir em alguns autorretratos realizados (figuras 6 a 17)⁵.

Na sequência abordaremos o autorretrato e suas reverberações nos sentidos impressos pelos (as) estudantes à experiência vivida.



Fig. 1 a 5. Passo a passo da oficina de autoretrato. Arquivo da disciplina de Arte e Educação, 2017.2, Faculdade de Educação - UFC, Luciane Goldberg.

⁵ O making off da oficina e todos os 280 autorretratos realizados nos anos de 2014, 2017 e 2018 podem ser acessados na página “Arte/Educação na UFC” no facebook (só pedir acesso ao grupo): <https://www.facebook.com/groups/210060579109194/photos/?filter=albums>

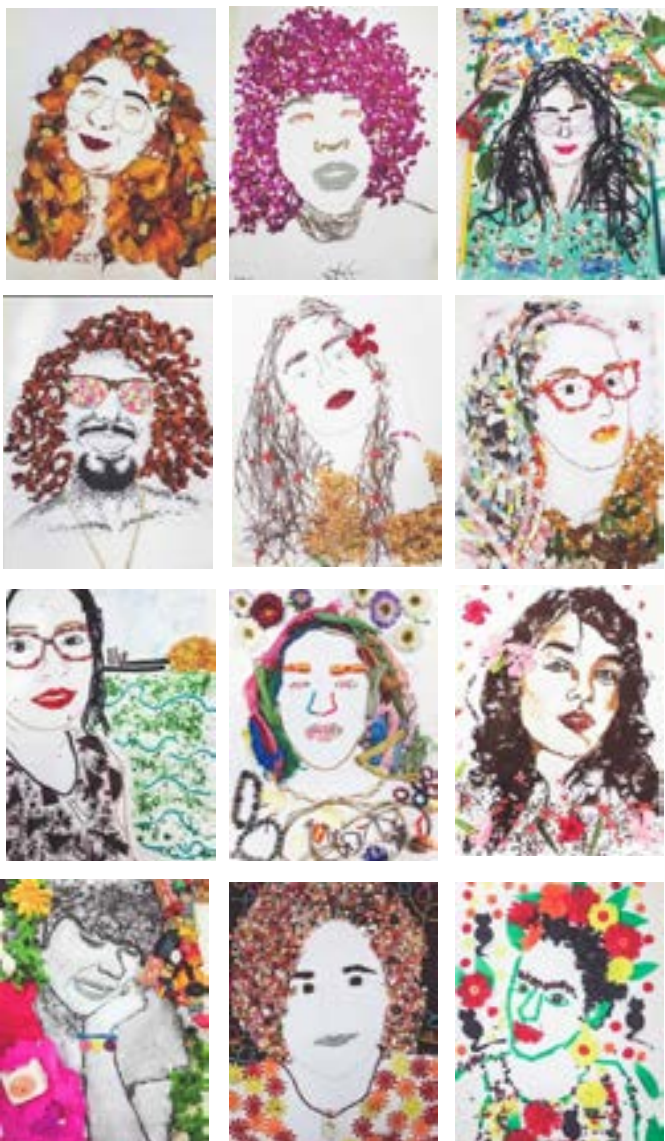


Fig. 6 a 17. (Da direita para a esquerda e de cima para baixo) autorretratos dos (as) estudantes Ana Ísis Loureto, Francisco Carlos Costa Freitas, Ana Victória Anselmo, João Filipe Ferreira, Diane Kelly Morais, Lídia Gouveia, Maria Daniele de Souza, Maria Geovana Teixeira, Joisilane Duarte, Letícia Viana, Hildenille Nogueira, Rafaela Helchana Oliveira. Semestre 2018.1. Fotos de Luciane Goldberg

Imagens de si: processos e sentidos na sala de aula

Agora, depois de termos caminhado pelos meandros histórico, metodológico e teórico da oficina de autorretrato, tendo como base a perspectiva da técnica do artista Vik Muniz, poderemos acessar os “textos-sentidos” escritos por alguns (algumas) estudantes das turmas de 2018.1, da disciplina “Arte e Educação”, dos turnos diurno e noturno, do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Tal atividade é proposta aos (às) estudantes após a discussão/composição/decomposição dos autorretratos elaborados por eles (as). É através dessas tessituras que podemos, de fato, encontrar e nos conectar com as sensações, emoções, sentimentos, reflexões, e tantos outros campos do ser tocados e notados pela experiência de autorretratar-se.

A partir do passo a passo metodológico apresentado anteriormente, é interessante percebermos o quanto o documentário “Lixo Extraordinário” serviu como recurso catalizador para a compressão do processo de elaboração dos autorretratos. No momento do autorretratar-se muitos (as) estudantes relataram que, durante todo o processo, lembraram-se das cenas, técnicas, reflexões e discussões despertadas pelo filme. Daí a importância da Abordagem Triangular na prática. Vejamos alguns relatos que trazem isso:

Ao fazer o autorretrato, eu me recordei muito do documentário, porque foi algo que mexeu comigo, tanto que assisti em casa outra vez, porque me surpreendeu muito as pessoas não se reconhecerem como pessoas, então eu pensava o tempo todo em tudo que eu tenho e que, por vezes, ainda fico ingrata. Eu refleti sobre mim, sobre tudo aquilo que levei para me representar em mim mesma e em como eu pensei nisso várias vezes. (Estudante 1)⁶

⁶ Os relatos dos (das) estudantes apresentados aqui seguirão com esta mesma estrutura, recuado e sem identificação nominal, com o intuito de destacar suas falas e preservar suas imagens.



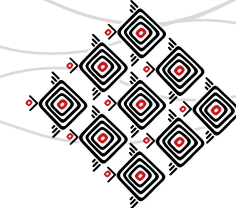
Quando nos foi dada a ideia de fazer nosso autorretrato e após assistir o documentário Lixo Extraordinário, entendi que eu precisava usar materiais que de alguma forma falassem algo sobre quem eu era. Então fiquei pensando e juntando tudo que me representou nesse último ano, no trabalho, nos momentos de diversão, de paz e do dia a dia. (Estudante 2).

Além dos registros fotográficos durante todo esse processo, com o intuito de capturar as composições, ações e emoções de cada “eu” dos (das) estudantes que se autorretrataram, é nos textos-sentidos que percebermos o quanto o ato de se “recriar” despertou neles (as) uma consciência de quem sou eu, de quem são eles, de quem somos nós. Ocorre uma verdadeira aproximação e distanciamento de quem é aquele sujeito que está se auto compondo, se auto integrando, trazendo à tona aspectos pessoais e profissionais relacionados ao processo de criação artística. Notemos alguns relatos neste sentido:

[...] a construção do autorretrato foi algo muito agregador, me fez perceber vários fatores e contribuiu bastante na minha formação enquanto pedagogo e futuro educador. É interessante pensar que essa atividade desperta em nós certas reflexões como o fato de ao nos autorretratarmos, percebemos nossas particularidades, nossos detalhes fisionômicos, como também nossos anseios previamente construídos por sempre nos remetermos a padronização que nos foi imposta enquanto ensino tradicional de artes e educação a qual recebemos no período escolar (Estudante 3).

Nossa, a oficina de autorretrato foi incrível. Durante a escola e, agora, na faculdade, eu não tinha experimentado algo tipo, me “recriar” de uma maneira tão diferente de tudo que eu produzi como arte (que eu já falei que foi bem pouco), me diverti muito com meus outros colegas de turma, ao ver todos, e eu mesma, ansiosos pra saber qual seria o resultado (Estudante 4).

Durante a composição da obra, envolvi-me inteiramente com a atividade. Contudo, em alguns momentos, afastei-me para pensar e observar o melhor modo de prosseguir no autorretrato. Observar a composição de outros colegas também foi bastante inspirador para meu trabalho (Estudante 5).



Foi notória a dificuldade da grande parte das turmas sobre a escolha da foto e dos materiais a serem utilizados por eles, bem como o ato de desenhar no papel os seus traços oriundos de suas fotos, por dizerem que “não sabem desenhar” ou que não gostam de algumas partes dos seus rostos. Também podemos notar a quase unanimidade do sentimento de “tristeza” por parte dos estudantes, no momento da decomposição dos autorretratos. Aqui são trechos dos textos-sentidos que apresentam tais percepções:

A escolha do material foi bem difícil, já que eu não conseguia escolher peças que eu realmente me identificasse ou se eu me identificava não conseguia imaginar um jeito para que elas se encaixassem no autorretrato. Porém, escolhi materiais que eu gostava de trabalhar e também troquei materiais com os outros alunos e tudo acabou se encaixando (Estudante 6).

A respeito da fotografia, eu escolhi uma não tão atual, mas de grande significado, pois foi em uma época de transição da minha vida, onde eu estava (Re)construindo significados. Por isso a escolha, para retratar o atual ciclo. Durante a atividade, senti dificuldade de “conseguir” de fato, me representar visivelmente. Logo refleti que independente do autorretrato estar ou não parecido comigo, os materiais usados me representavam, pois tenho uma ligação forte com a natureza (folhas e flores) e o mar (as conchas). Sim, eu estava ali (Estudante 7).

[...] como eu deixaria o desenho parecido comigo, já que não era uma foto que mostrava muito bem meu rosto, e não sei desenhar muito bem (eu não desenvolvi muito bem esse meu lado) (Estudante 8).

Ao desfazer o retrato, fiquei bem triste kkk, tanto que após a professora fotografar, eu deixei ele feito e fui conversar com o pessoal para não ter que desfazer logo ali na hora, depois gravei um mini vídeo no celular e aí sim, desfiz. Fiquei com a sensação de querer ter feito mais, de ter caprichado mais, porém, fiquei satisfeita, a experiência valeu a pena (Estudante 9).

Independente das dificuldades e obstáculos enfrentados e relatados pelos estudantes durante todo o processo da atividade do autorretrato constatamos o quanto tal atividade possibilita, para aquele que se autorretrata, a oportunidade de recriar-se, perceber-se e sentir-se, nas linhas



que compõem sua face, materializada por peças e coisas significativas por ele, redimensionando, assim, o seu eu a partir de materiais que despertam o seu sentir. É se encontrando e reencontrando que nos compomos e decompomos.

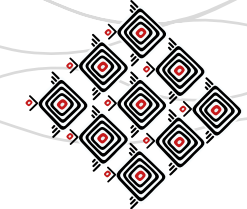
É através dos textos-sentidos dos (das) estudantes que nos deparamos com a beleza sincera do campo dos sentidos dos estudantes. Por meio de suas palavras, carregadas de sensações e emoções, enxergamos o retrato daquele que se descreve. O ato de autorretratar-se possibilita para aqueles que se utilizam desse recurso de ver, rever, descrever, antever e reaver o que eles são ou o que poderão ser.

Considerações finais

Concluimos brevemente ressaltando a importância de se propor atividades e metodologias ativas e participativas junto aos (às) estudantes da disciplina de Arte e Educação no Curso de Pedagogia, criando espaços de autodescoberta e de autoconhecimento, promovendo um clima de autoconfiança e cumplicidade capaz de oportunizar o processo criativo e criador. Esse é o primeiro passo para a aprendizagem significativa e a verdadeira experiência – ser o centro desse processo reflexivo e dialógico que, além de detonar processos individuais, proporciona a troca e a interação com o outro. Ao me ver eu vejo o outro, eu também me vejo no outro. Todo ser é único e singular, capaz de criar e se recriar.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.



BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

CANTON, Kátia. **Espelho de artista**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. DEWEY, John. **Vida e Educação**. 9. Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.

DUARTE Jr., João-Francisco. **O Sentido dos Sentidos**: a educação dos sentidos. Curitiba: Criar, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

GOLDBERG, Luciane Germano. Experiências formativas em arte dos licenciandos em pedagogia da UFC: influências da pedagogia tecnicista. In: Francisco Ari de Andrade; Carlos Augusto Viana; Filie de Menezes Jesuíno; Renata Aquino da Silva. (Org.). **Educação Brasileira**: conceitos e contextos. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014, p. 224-238.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PESSOA, Helena Gomes dos Reis. **Auto - Retrato - o espelho, as coisas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.27.2006.tde-03062009-120522. Acesso em: 2018-08-08.

RAUEN, Roselene Maria, e MOMOLI. Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade. Revista educação, artes e inclusão. 2015. pag: 51-73